

A MEMÓRIA DE ALPHONSUS DE GUIMARAENS NAS VOZES DOS POETAS MODERNISTAS

*The memory of Alphonsus de Guimaraens in the voices of modernists
poets*

*João Eustáquio Evangelista de Paula**

RESUMO: A visita de Mário de Andrade a Alphonsus de Guimaraens, ocorrida no dia 10 de julho de 1919, foi o marco inicial para a difusão nacional da obra de Guimaraens, embora, naquela época, Mário tivesse apenas 25 anos e não fosse uma figura conhecida. Tal visita foi explorada no artigo “Alphonsus”, de autoria do próprio visitante na revista *A Cigarra*, de 18 de julho de 1919. Os ecos desse encontro figuram no poema “A visita”, de Carlos Drummond de Andrade. Manuel Bandeira também contribuiu consideravelmente, por juntamente com João Alphonsus organizar a edição das poesias completas do poeta mineiro, a partir de 1935. Doravante é que o seu prestígio de grande poeta começa realmente a consolidar-se. Neste artigo proponho analisar como se deu o processo de reverberação da obra de Alphonsus de Guimaraens por meio dos modernistas, sobretudo nas vozes de Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade.

Palavras-chave: Alphonsus de Guimaraens; Memória Cultural; Simbolismo; Modernismo.

ABSTRACT: *The visit of Mário de Andrade to Alphonsus de Guimaraens, which occurred on July 10th, 1919, was the starting point for national dissemination of Guimaraens' work, although at that time, Mário was only 25 years old and was not a known figure. That visit was explored in visitor own authored article in A Cigarra magazine on July 18th, 1919. The echoes of the meeting appear in the poem "A Visita" by Carlos Drummond de Andrade. Manuel Bandeira also contributed considerably by with João Alphonsus, organize the edition of Guimaraens' complete poetry from the 1935. From now, his prestigious as a great poet really begins to take hold. In this article I propose to analyze how was the process of reverberation of Alphonsus de Guimaraens' work by the modernists, especially through the voices of Mário de Andrade and Carlos Drummond de Andrade.*

Keywords: *Alphonsus de Guimaraens; Cultural Memory; Symbolism; Modernism.*

* Mestrando em letras, Estudos da Linguagem. Linha de pesquisa: Linguagem e Memória Cultural. Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP, Mariana, Minas Gerais, Brasil.

O Simbolismo em Alphonsus de Guimaraens

O poeta simbolista Alphonsus de Guimaraens viveu em três cidades históricas mineiras: Ouro Preto, onde nasceu em 1870; Conceição do Serro (atual Conceição do Mato Dentro) e Mariana. Também esteve em São Paulo, onde cursou boa parte do curso de direito e frequentou a residência de José de Freitas Valle, a chamada Vila Kirial, reduto de encontro de intelectuais paulistanos. Mas boa parte de seu processo de maturação enquanto poeta simbolista se deu, sobretudo, recluso na pacata Mariana-MG do início do século XX, mais especificamente, de 1906 a 1921, ano de sua morte. Autor de títulos voltados para uma religiosidade cristã, como *Câmara ardente* (1899), *Dona Mística* (1899), *Septenário das dores de Nossa Senhora* (1899), *Kiriale* (1902) e *Pauvre lyre* (1921), Alphonsus de Guimaraens compôs sua obra poética recorrendo aos mesmos temas, tais como a morte, o misticismo e o amor, com um tom notadamente melancólico. Sua obra alude frequentemente às imagens da atmosfera das cidades históricas. Fiel às características simbolistas, essas imagens muitas vezes dão aos seus poemas um colorido especial. Seus sonetos são plásticos, ondulados, pictóricos e perfumados, características que elevam e conferem à sua obra um caráter tipicamente simbolista. A profusão de cores e imagens aludidas em muitos de seus poemas, mediante o profícuo emprego da sinestesia, fundem-se numa alquimia de sensibilidades que conferem à sua obra uma riqueza musical ímpar. Assim, o poeta ouro-pretano foi considerado por Henriqueta Lisboa como o Paul Verlaine brasileiro: “Como Verlaine, Alphonsus prefere a melodia à sinfonia” (LISBOA, 1945, p. 36).

Alphonsus não foge à regra simbolista em sua vasta produção literária, marcada pelo desejo de voltar-se para a essência das coisas e de explorar um certo mistério e irracionalismo, tema recorrente entre os autores simbolistas, que se distinguiram pela poética musical, pelo uso de figuras de linguagem e de inúmeras sugestões na representação da realidade. Esses recursos, além de conferir certa subjetividade à temática trabalhada, permitem um trabalho mais apurado com a palavra, ingrediente básico da linguagem.

A reverberação e o reconhecimento do fazer literário

Aos poucos, o fazer literário de Alphonsus foi reverberando, inicialmente, por meio das impressões de um hábito por ele bastante cultivado – a correspondência. Ele era um correspondente assíduo com várias pessoas, entre elas, João Alphonsus, seu filho mais velho, que passou a residir em Belo Horizonte a partir de 1919; com Mário de Alencar, poeta, filho do escritor José de Alencar; com o poeta e amigo Belmiro Braga; e também com Oswaldo de Freitas, poeta mineiro, autor da obra *Nevroses*, 1915, prefaciada por Alphonsus.

Assim costumava figurar e acentuar os recursos metalinguísticos de sua produção com seus interlocutores, como pode ser atestado no registro epistolar, impregnado de histórias e memórias, legado imprescindível que nos possibilita a percepção da dimensão da produção literária de Guimaraens e de sua importância na memória.

No entanto, Alphonsus de Guimaraens nem sempre teve o reconhecimento merecido, como pode ser visto na introdução geral de sua *Obra completa* nas palavras de Eduardo Portella:

A obra de Alphonsus de Guimaraens foi igualmente vítima de dois tipos de incompreensão. Uma de natureza geral, que foi a que cercou a sorte do movimento. E outra pessoal: a que ameaçava o seu prestígio de poeta. ‘A poesia de Alphonsus de Guimaraens – quem o diz é ainda Andrade Muricy, o mais completo dos nossos estudiosos do Simbolismo – teve, no seu tempo, imediata e profunda influência em Minas. Fora daquele estado, só os próceres simbolistas o admiravam. Enquanto isso a crítica do tempo, primária e simplista, dominada pelo espírito do naturalismo, via com antipatia o misticismo do solitário de Mariana’. Cruz e Sousa já em vida, e sobretudo a partir de sua morte, pôde contar com o aplauso e a consagração pelo menos da crítica simbolista. Com Alphonsus de Guimaraens isto não aconteceu. [...] Tanto os nossos historiadores literários quanto Nestor Victor, aquele que seria o crítico oficial do Simbolismo no Brasil, foram de uma imperdoável insensibilidade diante do estranho universo erguido por Alphonsus de Guimaraens. (PORTELLA *apud* GUIMARAENS, 1960, p. 20)

Contudo, Mário de Andrade já o reconhecia, como atesta a correspondência ativa, datada de 15 de julho de 1919, remetida ao seu filho João Alphonsus, que versa, além de suas preocupações acerca de sua permanência como juiz municipal na cidade de Mariana-MG, sobre a visita do escritor Mário de Andrade, ocorrida aos 10 dias do mês de julho de 1919. Alphonsus fez constar na carta:

[...] Há cinco dias estive aqui o Sr. Mário de Moraes Andrade, de S. Paulo, que veio apenas conhecer-me, conforme disse. É doutor em ciências filosóficas. Leu e copiou várias poesias minhas (principalmente as francesas), e admirou o teu soneto oferecido ao Belmiro Braga. É um rapaz de alta cultura, sabendo de cor, em inglês, todo o 'Corvo' de Poe. Viaja para fazer futuras conferências, e visitou todos os templos desta cidade. /A verdade é que para quem vive, como eu, isolado – uma visita dessas deixa profunda impressão. [...] (GUIMARAENS *apud* BUENO, 2002, p. 26).

No dia 18 de julho de 1919, oito dias após a visita, Mário de Andrade escreveu o artigo "Alphonsus" e, no dia 1º de agosto do mesmo ano, ele o publicou na revista *A Cigarra*. Em tal artigo, Mário inicialmente contextualiza o lugar de memória, ao falar da cidade de Mariana - MG da primeira metade do século XX, nos seus aspectos religiosos, na sua quietude. Em seguida, apresenta o poeta mineiro, aprecia a sua obra, identificando até alguns precursores alphonsinos, ao examinar a obra *Pauvre Lyre*. Acerca do momento em que esteve com Alphonsus, e do contato com sua obra, Mário assim expressa:

Em Mariana, a Católica, fui encontrá-lo na escuridade da sua casa de trabalho, sozinho e grande. Escrínio mais profundo que a episcopal cidade não encontrara a sua alma de místico para se guardar. Refugiou lá do 'estéril turbilhão da rua' para melhor abrir a flor de sua inspiração no jardim fantástico dos sonhos e dos ideais impossíveis. [...] Na cidade de orações silenciosas – tam solitária, que mesmo as pessoas que se juntam têm a impressão de estar sozinhas – com dizê-lo só, digo mal: *Dona Mística* vive com ele pelas noites de poesia, por seus dias de solidão. [...] E foi uma hora de inesquecível sensação a que vivi com ele. Na tristura de cinza do aposento, pude dizer-lhe pausadamente, em calma, as lindas coisas que eu sentia sobre a sua arte desacompanhada e incompreendida. Alphonsus de Guimaraens escutava-me em silêncio; e naquele sacrário de religiosa estesia, na mudez do passado que nos rodeava, pudemos ambos ouvir a voz da minha alma cantar, num epinício, à arte magnífica do mestre... [...] Falei-lhe depois do descaso em que o deixaram os nossos. Sorriu, num meigo perdão; e recompensou-me o afeto, dando-me versos. Li-os. [...] Tive nas mãos os alexandrinos da *Pauvre Lyre*, escritos em francês, e onde, numa atmosfera de milagre, revive a doçura de Verlaine, Lamartine e de Musset [...] A sua poética, toda de amor e unção, tristonha e pura, sem os ribombos do ódio, sem as fanfarras da paixão, é um jardim esquecido no meio do Brasil, onde florescem num perfume emoliente e casto, as rosas, os lírios, as violetas, as saudades... [...] (ANDRADE, Mário *apud* GUIMARAENS FILHO, 1974, p. 69-72)

E o visitante, ao final do artigo, manifesta um apelo, acentuando o ineditismo e a diversidade dos versos de Alphonsus esquecidos em revistas e jornais. Em seu apelo,

parece instigar que um representante de uma instância legitimadora o reconheça e atribua ao poeta de Mariana a merecida valorização, tirando-o da “escuridão”. Assim, ele prossegue:

[...] Os versos inéditos de Alphonsus e os esquecidos em revistas e jornais dariam para dois e mais volumes; as poucas edições do *Setenário*, de *Dona Mística*, da *Kiriale*, acabaram-se... Não haverá no Brasil um editor que lhe agasalhe os poemas, tirando-os da escuridão? Não existirá a piedade dum novo bandeirante que vá descobrir nas Minas Gerais essa mina de diamantes castiços e lapidados, e deslumbre os da nossa raça com os tesoiros que Alphonsus guarda junto de si? Onde? Quando o abre-te Sésamo dessa gruta encantada?[...] (ANDRADE, Mário *apud* GUIMARAENS FILHO, 1974, p. 72)

No primeiro fragmento do artigo, ao se referir à obra *Pauvre Lyre*, Mário “numa atmosfera de milagre”, expressa reviver, naquele momento de estesia, “a doçura de Verlaine, Lamartine e de Musset”. Ao se referir a esses poetas, Mário reporta-nos ao ensaio de “Kafka e seus precursores”, em que Borges afirma perceber como kafkianos os textos de autores, gêneros e séculos distintos. Ao perceber as vozes e musicalidade dos poetas Verlaine, Lamartine e Musset em *Pauvre Lyre*, Mário está se referindo a tais poetas como precursores de Alphonsus.

Nota-se no último fragmento que Mário, ao expressar “[...] a piedade dum novo bandeirante que vá descobrir nas Minas Gerais essa mina de diamantes castiços e lapidados”, além de valorizar a produção inédita alphonsina, ele se autointitula como primeiro bandeirante a explorar a “mina de diamantes castiços e lapidados”, revelando-se precocemente como um desbravador cultural. Talvez daí venha a expressão “Bandeirante da cultura”, que alguns críticos usam ao se referir a Mário.

No dia 24 de agosto de 1919, Alphonsus remete uma carta a Mário de Andrade. Na carta, o poeta expressa um cordial abraço e diz ter acabado de ler em um cotidiano de Juiz de Fora o que Mário escreveu sobre ele e sobre o que os instantes daquela visita lhe proporcionou. Eis um fragmento da carta:

[...] Como v. me prometeu escrevê-lo na *Cigarra*, penso ter sido transcrito; se assim for, espero o nº da famosa revista. / Creia que perdurará sempre no meu espírito a visão da sua nobre figura, iluminada por tamanha inteligência; para quem, como eu, vive em um deserto, tem singular encanto o encontro de um paulista, pois revivo os tempos alegres que passei na capital artística do Brasil. / Envio-lhe

um soneto inédito.¹ /Daquele que se presa de conservá-lo sempre na memória, /
Alphonsus
(GUIMARAENS *apud* GUIMARAENS, D. L., 2009, p. 135)

3 Vínculos memorialistas

A visita de Mário foi tão importante que suscitou em Manuel Bandeira a vontade de editar a poesia de Alphonsus. Sobre o reconhecimento da obra de Guimaraens, expressa Portella:

Somente depois de 1935, com a edição das suas poesias completas organizada por Manuel Bandeira e João Alphonsus, é que o seu prestígio de grande poeta começa realmente a consolidar-se. A crítica simbolista sua contemporânea não o soube compreender. (PORTELLA *apud* GUIMARAENS 1960, p. 20)

Mais tarde, a visita de Mário foi explorada por Drummond em seu poema "A Visita"², do qual transcrevo dois fragmentos, e que foi publicado na obra *A paixão medida*, de 1980. Drummond assim o fez:

A visita
1
1919. 10 de julho.
Palmas. A porta aberta não responde.
Ô de casa! Mais palmas. A menina
manda entrar. O corredor abre à esquerda,
na tristura de cinza do escritório
baixo.
Dentro, o homem sozinho,
50 anos por fazer, ou feitos secamente
no rosto grave: – O senhor deseja?
– Vim conhecer o Príncipe, vim saudar o Príncipe
dos Poetas das Alterosas Montanhas!

O homem sorri: – O senhor está equivocado
ou caçoa talvez.
Sou há 13 anos, há 13 mil anos eternamente
juiz municipal em míseros sertões.
Em todo caso, sente-se. Conversar é bom

¹ Até o momento não tivemos acesso ao "soneto inédito" enviado a Mário, a que Alphonsus se refere na carta citada, bem como à resposta de tal missiva. Mas a carta remetida mostra a tentativa de diálogo poético.

² O poema "A visita" foi esboçado bem antes de 1980, e o original datilografado foi enviado por Drummond a Alphonsus de Guimaraens Filho em 1976.

em minha solidão
que escorre a contemplar o deserto das cidades mortas.

O alto visitante jovem inclina-se, compenetrado:
– O Príncipe não é príncipe, eu sei,
para o distraído, fosfóreo descaso
dos donos da literatura e da vida.
Mas é mais que isso, para cada um de nós poucos
obcecados
pela vertigem do poema no cristal da linguagem.
[...]

7

Volta o homem ao escritório.
Devagar.
10 de julho. 1919.
Devagar, torna a vida ao tempo-sempre.
Os versos, à gaveta melancólica.
O tecido da aranha recompõe-se.
É tudo igual? É tudo sem remédio?
Em algum ponto, pousa a memória
que não se diluirá.
Não fica nas estantes, nos metais
nem fica nos papéis a se apagarem.
Não fica na folhinha de Mariana.
Fica no ar, ninguém a sente.
Dois anos depois, a alma do poeta
será uma cruz enterrada no céu.
Em novo julho, tempo da Visita.
(ANDRADE, C. D., 2007, p.1209 -1216)

Outro vínculo memorialista com a obra Alphonsina é estabelecido por Carlos Drummond de Andrade em seu artigo “Presença de Alphonsus”, datado de 1940, do qual podemos apreciar um trecho:

Muitos de nós nunca pegaram num exemplar de *Kiriale* ou de *Dona Mística*, já então *introuvables*, mas bastava o estribilho da ‘Catedral’, um verso de poema publicado nas rápidas revistas da época, para sentirmos no espírito toda a voltagem da poesia, incandescendo a nossa substância. O lúgubre ressonso ressoava em nós. E os navios negros, as rosas desfolhadas sobre as amadas mortas (naquele tempo sentíamos previamente as amadas que iam morrer), a ‘medonha carruagem’ que conduz, a alma aos solavancos, o cinamomo, o lírio, a lua dupla de Ismália tinham para nós um poder de libertação e afastamento dessa matéria poética tão pobre e falsa de 1920. Antes que viesse o Modernismo, já Alphonsus nos preservava dos males da época. E por muito que fosse mórbido o seu reino, foi nele que aprendemos a ter saúde e a coragem das experiências. (ANDRADE, C. D., 1940, p.7)

Pode-se notar no trecho citado que Drummond estabelece um elo crítico à produção poética de 1920, elevando a obra de Guimaraens à categoria de reino, mola propulsora do estilo no qual ele mesmo, Drummond, se tornaria um metafísico, transcendental; é, pois, um Mestre analisando outro Mestre, eles poéticos de outrora se conectando ao poético hodierno, ecos da obra alphoncina repercutindo no passado e no presente. É impossível deixar de aquiescer com Drummond em sua ácida observação sobre a improficuidade das produções literárias da década de vinte, notadamente a poesia, gênero textual vinculado à vida cultural em qualquer época, o qual não deveria se banalizar, mas, sim, ser até mesmo um fenômeno histórico, herança simbólica da memória.

Em 11 de julho de 1948, Drummond remeteu uma carta a Alphonsus de Guimaraens Filho, na qual expressou: “Meu desejo único é ver de novo em circulação as poesias do grande Alphonsus, cuja figura vai crescendo enquanto minguam as glórias oficiais do tempo dele.” (ANDRADE, C. D. *apud* GUIMARAES, D. L., 2009, pp. 146-147). Outra carta foi emitida pelo mesmo remetente a Guimaraens Filho no dia 1º de abril de 1970, em que diz: “[...] A verdade é que eu sinto prazer toda vez que encontro alguma coisa do Poeta em minhas leituras de periódicos de outros tempos. E Alphonsus é das mais antigas adorações. Coisa de mais de 50 anos ... Isso fica dentro da gente.” (ANDRADE, C. D. *apud* GUIMARAES, D. L., 2009, p. 155).

Os textos até então cotejados reportam-nos à memória. Então, ousou aqui citar a definição de memória cultural proferida por Aleida Assman em entrevista ao Jornal da Unicamp:

A memória cultural é um tipo de memória que sobrevive ao tempo, que transcende o tempo de vida do indivíduo. Existiu antes de mim e existirá depois de mim. Participo dessa memória cultural enquanto estiver vivo. Como essa memória existe por um longo tempo, os mortos podem se comunicar com os vivos e os vivos podem se comunicar com as próximas gerações. Se não tivéssemos esse conceito, cada um só teria à disposição sua própria memória e não haveria essa memória cultural. (ASSMANN, 2013, p. 7)

Na definição acima, Assmann atribui à memória cultural um caráter dinâmico, por ela - a memória - sobreviver ao tempo, transcendendo a vida do indivíduo. Em se tratando da memória de Guimaraens, houve por parte de Mário e Drummond, além do reconhecimento como poeta simbolista e admiração, uma preocupação em tirá-lo da

escuridão. Dessa forma, essa memória, que a princípio parecia inerte, presa ao passado, ao ser acionada pelas perspectivas de olhares dinâmicos, passa a ser conectada a três dimensões temporais: por ser evocada no presente, remete ao passado, mas sempre visando o futuro, a posteridade, pelo desejo de ver a obra do simbolista mais divulgada e estudada. Mas para isso a memória precisou ser acionada, e talvez Mário tenha sido o principal agente desta ação, a partir de sua visita a Alphonsus.

Outra memória envolvida no diálogo pluritemporal Simbolismo / Modernismo entre Alphonsus, Mário, Drummond e Alphonsus Filho é a *memória comunicativa*, que, nas palavras de Assmann, é aquela que “[...] normalmente liga três gerações consecutivas e se baseia nas lembranças legadas oralmente.” (ASSMANN, 2011, p. 17) Nessa interação, parece configurar um colóquio modernista acerca do Simbolismo, que pode ser visto ao longo do poema “A visita” e nas cartas de Drummond a Guimaraens Filho. Eis outro exemplo dessa conversa:

Caro Alphonsus

Fiquei satisfeito com sua aprovação afetuosa à minha crônica/poema sobre seu pai. Eu gostaria de ter feito, não versos impressionistas, mas um estudo sobre algum aspecto relevante do poeta, que continua reclamando exame mais aprofundado, tal a riqueza e tipicidade de sua obra. Os trabalhos de Mary L. Daniel e Anderson Braga Horta já são bons indícios de que a simples apologia vai cedendo lugar a análises mais documentadas, que mais valorizam Alphonsus. Andei relendo a obra e senti como seria interessante o levantamento do vocabulário dos poemas. O poeta era mestre em usar palavras raras, que iluminam estranhamente o verso. (ANDRADE, C. D. *apud* GUIMARAES, D. L., 2009, p. 109).

Em uma carta bastante extensa que endereçou a Guimaraens Filho, em 10 de março de 1941, Mário apresenta ressalvas sobre sua visita, expressando:

Uma coisa me deixou completamente atarantado e vai ser um problema literário de minha vida. Minha primeira viagem a Minas foi em 17 e então fui visitar seu pai em Mariana. É certo que desejava ver a ‘Episcopal cidade’, mas ela me levava naqueles meus 21 anos a curiosidade de conhecer dois homens que... pra falar a verdade não é que eu admirasse ou amasse muito eles, era muito egoísta nos meus 21 anos pra amar homens que já não estavam muito comigo, então já escrevendo o “rúim esquisito” como lá disse o Manuel Bandeira, do *Há uma Gota de Sangue em cada Poema*. Em todo caso havia uma curiosidade cheia de simpatia, uma vontade também de adesão própria de moço. Estive com seu pai ali pela manhã, mais de uma hora, naquele escritório poento e cheíssimo de papéis e livros [...] (GUIMARAENS FILHO, 1974, p. 25)

Em tal carta, Mário cometeu alguns equívocos de memória. Primeiro, a visita não aconteceu em 1917, ocorreu no dia 10 de julho 1919. Segundo, como nasceu em 9 de outubro de 1893, na ocasião da visita estava com 25 anos. Outro equívoco foi referente à publicação de sua obra *Há uma Gota de Sangue em cada Poema*, que fora em 1917, portanto, anterior à visita. Isso lembra o que diz Assmann, que cita Reinhart Koselleck, ao tratar da *memória experiencial*:

Com a mudança de geração muda também o objeto da observação. A partir de um passado que é presente e impregnado de experiências. [...] Com a recordação que se esvai, o distanciamento não só aumenta, também altera sua qualidade. Em breve, somente os documentos falarão, carregados de imagens, filmes e memórias. (KOSELLECK *apud* ASSMANN, 2011, p. 18)

Em correção aos equívocos memoriais cometidos por Mário, os suportes mnemônicos – as cartas, o artigo “Alphonsus” e o poema “A visita”, documentos “carregados de imagens, filmes e memórias” – atestaram fielmente a memória da visita. Destarte, o legado da materialização das informações acerca da visita de Mário em tais suportes mnemônicos, como herança simbólica, constituiu parte do que ousou chamar de Memória Cultural.

4 A memória na intertextualidade

Além do poema “A visita”, Drummond dedicou outros poemas em homenagem a Guimaraens. Na sequência, um destes poemas: “Em memória de Alphonsus de Guimaraens”, da obra *Amar se aprende amando*, de 1985; “Luar para Alphonsus”, da obra *Versiprosa*, de 1967.

Em memória de Alphonsus de Guimaraens

I

Na violeta do entardecer,
flutua, evanescente, o poema
daquele poeta cujo ser
era só poesia - e suprema.

II

Um poeta, entre muitos, me fascina
por ser mineiro e do País do Sonho.
O luar pousa em seu verso alto e tristonho
e a alma de quem o lê já se ilumina.
(ANDRADE, C. D., 2007, p. 1299)

No poema acima, o eu-lírico drummondiano parece atuar como figura autobiográfica devido ao fato de, em sua escrita, ao mesmo tempo, aludir à construção de uma identidade mineira e se inserir em tal identidade enquanto mineiro ao falar de Alphonsus. Já no poema “A visita” e no artigo “Presença de Alphonsus”, citados anteriormente, como figura autobibliográfica, por inserir em suas construções versos de autoria de Alphonsus como: “[...] cruz enterrada no céu”, “lúgubre responso”, “rosas desfolhadas” e “amadas mortas”. Isso mostra que Drummond leu de forma minuciosa a obra de Guimaraens, fazendo-a ecoar em sua escrita. E parece ser concernente ao que Borges diz: “[...] cada escritor cria seus precursores. Seu trabalho modifica nossa concepção do passado, como há de modificar o futuro. Nessa correlação, não importa a identidade ou a pluralidade dos homens.” (BORGES, 2012, p.130). Nesse sentido, analogamente à posição de Borges, Drummond assume aqui o papel de examinador dos precursores de Alphonsus, ou seja, Alphonsus seria o “Kafka” de Drummond; sendo também a mesma perspectiva aplicável a Mário, por perceber na escrita alphonsina, como registrado no artigo “Alphonsus”, vozes de autores como Verlaine, Lamartine e Musset.

Como muitos livros dentro de um mesmo livro, Drummond, com citações de obras e versos de Alphonsus em seus poemas em questão, conduz o leitor por suas versões enquanto expressa sua admiração e homenageia o poeta mineiro. A figura autobibliográfica em Drummond também é notada após a última parte do poema “A visita”, na seguinte observação:

No corpo deste poema, o autor utilizou versos, fragmentos de versos, expressões e informações encontráveis nos livros: *Obra completa*, de Alphonsus de Guimaraens; *Poesias completas*, de Mário de Andrade; e *Itinerários – Cartas a Alphonsus de Guimaraens Filho*. (ANDRADE, C. D., 2007, p.1216)

No poema subsequente, “Luar para Alphonsus”, da obra *Versiprosa*, de 1967, Drummond considera logo na primeira estrofe as três cidades históricas mineiras - Ouro Preto, Conceição do Serro e Mariana - tidas como os principais lugares de memória de Guimaraens; também homenageia e, ao mesmo tempo, dialoga com a obra do poeta do luar, deixando ecoar a voz alphonsina em sua escrita. Eis um fragmento do poema:

Luar para Alphonsus

Hoje peço uma lua diferente
para Ouro Preto
Conceição do Serro
Mariana.

Não venha a lua de Armstrong
pisada, apalpada
analisada em fragmentos pelos geólogos.

Há de ser a lua mágica e pensativa
a lua de Alphonsus
sobre as três cidades de sua vida.

Comemore-se o centenário do poeta
com uma lua de absoluta primeira classe
bem mineira no gelado vapor de julho
bem da Virgem do Carmo do Ribeirão
dos menestréis de serenata
bem simbolista bem medieval.

Haja um luar de prata escorrendo sobre montanhas
[...]
de modo que ninguém se esqueça, ninguém possa alegar:

Eu não sabia
Que ele fazia
Cem anos.

Mas não é para soltar foguetes nem fazer
os clássicos discursos do povo mineiro
dando ao espectro do poeta o que faltou ao poeta
numa vida banal sem esperança.

É para sentir o luar
extra que envolve
Ouro Preto, Mariana, Conceição
filtrado suavemente
da poesia de Alphonsus, no silêncio
de sua mesa de juiz municipal
meritíssimo *poeta do luar*.

Algum estudante, sim, espero vê-lo
debruçado sobre a *Pastoral aos Crentes
do Amor e da Morte*, penetrando
o cerne dociamargo
de um verso alphonsino cem por cento.
[...] está cerrado em si mesmo (*tel qu'en lui-même
enfin l'éternité lê change...*)
e descobrir-lo é quase um nascimento do verbo:
cada palavra antiga surge nova
intemporal, sem desgaste vanguardista, lua
nova, na página lunar.

E essa lua eu peço: aquela mesma
barquinha santa, gôndola
rosal cheio de harpas
urna de padre-nossos
pão de trigo da sagrada ceia
 lua dupla de Ismália enlouquecida
 lua de Alphonsus que ele soube ver
 como ninguém mais veria
 de seus mineiros altos miradouros.
 O poeta faz cem anos no luar.
 (ANDRADE, C. D., 2007, p. 663-665)

Ao apreciar a obra alphonsina, os modernistas estão aqui construindo seus precursores. Nas palavras de Assmann: “A lembrança sempre exige um gatilho [...]” (ASSMANN, 2011, p. 22); esse gatilho, em se tratando de Guimaraens, foi acionado precipuamente por Mário e Drummond, que, o adotando como um de seus precursores e em suportes mnemônicos, acionaram significados ao que se passou na produção alphonsina, atribuindo-lhe a merecida valorização.

Referências bibliográficas

ANDRADE, C. D. “A Visita”. In: *Poesia completa*. Fixação de textos e notas de Gilberto Mendonça Teles; introdução de Silviano Santiago. -1.ed., 3. impr. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007; p.1209 -1216.

_____. *Poesia completa*. Fixação de textos e notas de Gilberto Mendonça Teles; introdução de Silviano Santiago. -1.ed., 3. impr. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

_____. “Presença de Alphonsus”. In: *Mensagem*, Belo Horizonte, ano 2, n. 22, p. 7, 15 jul. 1940.

ANDRADE, M. "Alphonsus". In: GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. *Itinerários: cartas a Alphonsus de Guimaraens Filho*. SP: Duas Cidades, 1974; p. 69-72.

ASSMANN, A. Introdução. In: *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*; tradução: Paulo Soethe. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2011.

_____. “Lembrar para não repetir”. In: *Jornal da Unicamp*, Campinas, p. 7, 10 a 16 Jun. 2013.

BORGES, J. L. “Kafka e seus precursores”. In: *Outras inquisições*. SP: Companhia das Letras, 2012.

BUENO, A. *Correspondência de Alphonsus de Guimaraens*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002.

GUIMARAES, D. L. *Caminhos imaginativos: do simbolismo ao modernismo e além*. Dissertação (Mestrado em Letras)–PUC- RJ, 2009.

GUIMARAENS, A. *Carta a Mário de Andrade*, em 24 de agosto de 1919. Arquivo Mário de Andrade, Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), pasta MC-C-CP, nº 3581. In: GUIMARAENS, Domingos de Leers. *Caminhos imaginativos: do simbolismo ao modernismo e além*. Dissertação (Mestrado em Letras)–PUC- RJ, 2009.

_____. *Obra completa*. Organização e preparo de textos por Alphonsus de Guimaraens Filho. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1960.

GUIMARAENS FILHO, A. *Itinerários: Cartas a Alphonsus de Guimaraens Filho*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

LISBOA, H. *Nossos grandes mortos: Alphonsus de Guimaraens*. Rio de Janeiro: Agir, 1945.

PORTELLA, E. *O universo poético de Alphonsus de Guimaraens*. In: GUIMARAENS, A. *Obra completa*. Organização e preparo de textos por Alphonsus de Guimaraens Filho. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1960; p. 17- 27.